

## PEDAGOGIA HOSPITALAR: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NO TRATAMENTO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

GABRIELA TOFANELLI MONTALVÃO<sup>1</sup>  
WAGNER FEITOSA AVELINO<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo busca apresentar a importância da Pedagogia Hospitalar no tratamento de crianças e adolescentes, que por motivos de saúde, foram afastados da escola regular. Nesse caso, o trabalho do pedagogo torna-se essencial no âmbito hospitalar, por meio de atividades lúdicas ao utilizar os recursos pedagógicos como a brinquedoteca para melhorar no desenvolvimento de aprendizagem da criança impossibilitada de frequentar a escola. A pesquisa tem como objetivo principal fomentar sobre as ações do pedagogo em ambientes não formais e requer avanços na formação inicial e continuada. Como metodologia recorreu-se à revisão da literatura por meio de artigos e obras disponibilizadas em bancos de dados de revistas científicas e bibliotecas virtuais, pois, entende-se que a Pedagogia Hospitalar tem uma relevância significativa para o tratamento de crianças e adolescentes por meio da atuação desses educadores em ambientes de ensino não formais e carecem de fomentos cotidianamente. Como resultado, fica evidente que mesmo amparado por lei, pouco se tem apresentado sobre as atribuições dos pedagogos nesses espaços hospitalares. Portanto, conclui-se que a relevância da pedagogia deve ser discutida com mais intensidade na formação inicial e se estender na formação continuada, pois alguns alunos podem passar por tratamentos hospitalares por um longo período, e não podem ser excluídos da educação básica.

**Palavras-chave:** Aluno-paciente. Brinquedoteca. Formação Docente. Pedagogia Hospitalar.

### ABSTRACT

This article seeks to present the importance of Hospital Pedagogy in the treatment of children and adolescents, who for health reasons, were removed from regular school. In this case, the work of the pedagogue becomes essential in the hospital environment, through playful activities when using pedagogical resources such as the toy library to improve the development of learning for children unable to attend school. The main objective of the research is to promote pedagogical actions in non-formal environments and requires advances in initial and continuing education. As a methodology, we used the literature review through articles and works available in databases of scientific journals and virtual libraries, because it is understood that Pedagogy Hospital has a significant relevance for the treatment of children and adolescents through the performance of these educators in non-formal teaching environments and they need to be promoted daily. As a result, it is evident that even supported by law, little has been presented about the attributions of educators in these hospital spaces. Therefore, it is concluded that the relevance of pedagogy should be discussed with more intensity in the initial training and be extended in the continued training, as some students may undergo hospital treatments for a long period and cannot be excluded from basic education.

**Keywords:** Student-patient. Toy library. Teacher Education. Hospital Pedagog

---

<sup>1</sup> Pedagoga, Faculdade de Americana (FAM), Professora da Educação Básica, [gaby.montalvao2228@gmail.com](mailto:gaby.montalvao2228@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Educação, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Docente do Curso de Pedagogia da Faculdade de Americana (FAM), [wagner.avelino@unesp.br](mailto:wagner.avelino@unesp.br)

## 1. Introdução

Quando se fala em educação, logo imagina-se uma sala de aula com infraestruturas tradicionais, como: carteiras, pátios/quadras, refeitórios, lousas etc. Mas, essa não se limita somente a espaços formais e físicos para aprendizagem. De acordo com o Ministério da Educação [MEC], (BRASIL, 2006) por meio do parecer 03/2006 para as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), o ensino se perpetua em organizações de espaços formais, e em espaços não formais, como caso de hospitais, empresas e instituições sociais. Com isso, o profissional de pedagogia passou a atuar em diversos espaços tidos como educativos, sejam eles diretamente e indiretamente, fomentando assim, conhecimentos e saberes diante do processo de ensino e aprendizagem, cujos objetivos são a formação humana e social dos indivíduos.

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), regulamentado pela Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990, o legislador atendeu a defesa aos direitos de crianças e adolescentes quando afastados do ensino básico obrigatório, por questões de saúde em idade escolar por orientações médicas.

Artigo 57: O Poder Público estimulará pesquisas, experiências e novas propostas relativas a calendário, seriação, currículo, metodologia, didática e avaliação, com vistas à inserção de crianças e adolescentes excluídos do ensino fundamental obrigatório (BRASIL, 1990, p. 164).

A hospitalização de crianças ou adolescentes em idade escolar tem estrita relação ao profissional especializado em pedagogia que desenvolve conexões entre a saúde e a educação. Embora, ainda seja pouco conhecida pela sociedade em geral é de extrema importância o fomento da Pedagogia Hospitalar em pesquisas e cursos de formação inicial, ao qual consiste em dar apoio pedagógico diretamente aos pacientes em idade escolar que encontram-se afastados das instituições de ensino regular; fato que é garantido por lei que dão direito à educação mesmo por questões de saúde em estágios mais avançados. Essa hospitalização é um momento muito delicado na vida das crianças e adolescentes, que são internados e passam obrigatoriamente a serem pacientes, interrompendo a fase social escolar devido às rotinas médicas, por meio de exames, consultas, cirurgias, dentre outros procedimentos.

Com o surgimento da classe hospitalar, a atuação do pedagogo vai muito além de transmissor de conteúdo, e este deve ser um profissional com amplos conhecimentos de metodologias lúdicas e consequentemente um motivador de seus pacientes-alunos, pois é notório que o ato de ensinar e aprender não ocorre apenas em espaços formais. Por isso,

destacamos a importância da formação docente inicial e continuada no que tange esses espaços educacionais desde os primeiros anos da graduação. Parafraseando, Libâneo (2001) defende que mesmo com leis e resoluções em prol dessa educação em ambientes hospitalares, os pedagogos carecem de uma formação inicial e continuada mais objetiva, que agregue a teoria e prática, diminuindo assim, as principais lacunas na formação docente.

É sabido que em sua trajetória educativa, os educadores encontram muitos desafios, sejam em espaços formais ou não formais, sendo necessário um planejamento e efetivação de novos métodos de ensino inovadores nas instituições de ensino, para que melhore o processo de ensino e aprendizagem diante das práticas pedagógicas nos espaços hospitalares.

Cabe aos profissionais da educação que almejam desenvolver suas funções em salas de aulas de hospitais se especializarem na Pedagogia Hospitalar, com intuito de ampliarem conhecimentos teóricos e práticos acerca da temática. Assim, o educador passa a conhecer as funções cotidianas e os direitos em que as crianças e adolescentes possuem legalmente quando estão nos espaços não formais.

Ao contextualizar o isolamento social de alunos, podemos relacionar a temática com a atual conjuntura, pois pais, alunos e professores tiveram suas rotinas alteradas, por conta do Coronavírus, Sars-Cov-2, causador da doença COVID-19 (LUIGI; SENHORAS, 2020 MARANHÃO; SENHORAS; 2020), que tem demonstrado a precariedade no que tange a educação contemporânea, em que aqueles que contraíram o vírus não puderam abster-se dos ensinamentos quando isolados socialmente. Desse modo, o pedagogo tem a possibilidade de criar e repensar sobre suas funções diante da sociedade, em um ambiente que além de pedagógico carece também de relações humanas com seu auxílio educacional.

Ao longo desta pesquisa buscou-se refletir sobre alguns questionamentos tais como: Qual a importância do pedagogo nos ambientes não formais? Como se observa a relevância das atividades lúdicas na Pedagogia Hospitalar? Qual a importância da brinquedoteca? Contudo, identificamos que as pesquisas sobre a temática ainda permanecem bem tímidas, exceto por alguns educadores e pesquisadores que embrenham nessa empreitada como desbravadores de assuntos tão complexos e que mereceram destaque nesse estudo.

A partir das reflexões nas linhas introdutórias e um melhor entendimento da presente pesquisa, dividiu-se o artigo em cinco etapas. No primeiro momento, há a introdução e justificativa sobre a Pedagogia Hospitalar e as perspectivas da atuação de pedagogos no tratamento de alunos isolados de espaços formais de ensino. No segundo momento, discute-se a relevância do papel do pedagogo no tratamento de crianças e adolescentes em hospitais no Cadernos da Fucamp, v.20, n.47, p.1-12/2021

processo de ensino e aprendizagem. O terceiro momento aponta a importância das atividades lúdicas na classe hospitalar como auxílio no desenvolvimento cognitivo desses alunos. Na quarta etapa, apresenta-se as brinquedotecas hospitalares como iniciativas relevantes para o processo cognitivo de alunos reclusos e seus respectivos tratamentos. Por fim, as considerações finais, a partir das leituras obtidas durante a pesquisa de revisão bibliográfica.

## **2. Relevância do pedagogo no tratamento de crianças e adolescentes**

Em um conceito mais genérico da função do pedagogo, na Grécia Antiga, esse por sua vez era um escravo que conduzia as crianças para sua formação intelectual e cultural na *paideia*, ou seja, em um espaço específico para o ensino. Contudo, durante muitos anos a população em geral caracterizava as funções do pedagogo como exclusividades dos espaços escolares formais, ou seja, a sala de aula como seu ambiente de trabalho. Mas, devido as mudanças pedagógicas e legislativas que ocorreram ao longo dos anos na área educacional, outros caminhos e desafios surgiram para os pedagogos.

Devido a obrigatoriedade da educação básica, faz-se necessária a contemplação a todas crianças e jovens em faixa etária escolar, seja em ambientes formais ou não formais. Dessa forma, é tarefa do estado e da família proporcionar a aprendizagem inclusive em espaços hospitalares, o que de certa forma contribui para amenizar as dores e estresses de alunos-pacientes, corroborado pela Constituição Federal:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, Art. 205).

Historicamente, a Pedagogia Hospitalar surgiu em um contexto parisiense em 1935, quando Henri Sellier (1883-1943) fundou uma escola destinada às crianças inadaptadas que ganhou a simpatia em demais países da Europa e dos Estados Unidos da América, cujo objetivo era atender crianças que estavam infectadas por doença contagiosa, que por sinal era bastante comum naquela época. No Brasil o atendimento pedagógico hospitalar começa a ter uma maior aceitação a partir de 1950, no Hospital Escola de Jesus, no Rio de Janeiro, a qual segundo Fonseca:

A pedagogia hospitalar em sua prática pedagógico-educacional diária visa dar continuidade aos estudos das crianças em convalescença, com o objetivo de sanar dificuldades de aprendizagem e/ou oportunizar a aquisição de novos conteúdos. Atuando também como um acompanhamento do aluno fora do

ambiente escolar, esta se propõe a desenvolver suas necessidades psíquicas e cognitivas utilizando programas lúdicos voltados à infância, entretanto sua ênfase recai em programas sócio interativos, vinculando-se aos sistemas educacionais como modalidade de ensino – Educação Especial - ou ao sistema de Saúde – modalidade de atenção integral – Atendimento Pedagógico Educacional Hospitalar (FONSECA, 1999, p. 22).

Vale destacar que a Pedagogia Hospitalar tem como objetivo principal, proporcionar uma consciência socioeducativa, que deve ocorrer no interior de hospitais, e isso é desenvolvido de uma maneira conjunta entre os profissionais envolvidos com os alunos. Desse modo, pedagogos e a junta médica precisam estar interligados durante todo o processo de tratamento do paciente.

De fato, a prática pedagógica no interior dos hospitais, quando bem trabalhada tem minimizado o sofrimento de crianças e adolescentes internados. Assim, o paciente se envolve em atividades planejadas por profissionais que estão inseridos na área educacional e que acontece de forma diferenciada de uma escola regular, justamente porque é um ambiente de aprendizagem, tendo em vista que estão passando por um período bastante delicado nessa fase.

De acordo com Sousa, Teles e Soares (2017), a importância do professor no ambiente hospitalar vai muito além do ato de ensinar, o pedagogo hospitalar ajuda a diminuir as angústias dos alunos, proporcionando sentimentos que possam melhorar a sua condição de vida, estimulando a se sentir mais forte para o retorno à rotina escolar. Desse modo:

Outro aspecto importante no trabalho do pedagogo hospitalar que merece destaque, diz respeito ao trabalho social do mesmo junto aos familiares da criança ou adolescente hospitalizado ou sob atendimento domiciliar, eis que tal como, o escolar, seus familiares se encontram fragilizados e assustados, diante dessa nova realidade desencadeada pela enfermidade que acometeu o educando. Este trabalho social em prol dos familiares consiste prestar conforto, auxiliando os, de maneira ética, a compreender o problema de saúde da criança, estreitar a relação dos mesmos com os profissionais de saúde ao orientá-los a não ter receio de procurar estes profissionais quando tiver dúvidas ou para obter maiores informações sobre o estado patológico da criança, o período de internação/tratamento, as chances reais de cura, dentre outras informações que julgar necessárias (SILVA, 2014 p. 176).

Em meio a tantos desafios, Sousa, Teles e Soares (2017, p. 256) defendem que “o pedagogo hospitalar faz com que, diante a uma rotina de remédios e tratamentos desagradáveis, esses pacientes não se sintam abandonados e excluídos da sociedade, pois muitos passam longos períodos de internação”. Assim, sua atuação profissional faz a diferença nos quesitos pedagógicos, biológicos e sociais de cada indivíduo.

Portanto, o pedagogo que desenvolve suas funções em tratamentos com crianças e adolescentes hospitalizadas tem contribuído na evolução da cura e do quadro clínico, afinal o aluno e o pedagogo aprendem, ao compartilharem momentos únicos durante os conteúdos ministrados para a continuidade de seus estudos. Mas, para que esse elo torne-se cada vez mais forte, há uma necessidade de investimentos por meio das políticas públicas educacionais, pesquisas etnográficas, capacitações e cursos específicos que auxiliem o pedagogo a trabalhar com crianças e adolescentes em tratamentos de saúde.

### **3. A importância do lúdico na classe hospitalar**

Com o intuito do bem-estar físico e social dos alunos em tratamentos hospitalares, as brinquedotecas tornaram-se necessárias nesses espaços, pois ali tem colocado em prática o trabalho lúdico, práticas que deve ser estendida para outros campos educacionais, sejam eles na educação formal e não formal. Para Vygotsky (1999) o brincar tem uma enorme influência no desenvolvimento da criança, uma vez que a criança consegue aprender e agir na esfera cognitiva. As atividades lúdicas podem abranger jogos, recreação, desafios e situações problemas, representações teatrais, dentre outras que se adaptem as situações de aprendizagem dos alunos ou pela criatividade de elaboração do educador.

Assim, a prática da ludicidade é muito importante; por meio dela busca-se a valorização de alguns aspectos na aprendizagem, como destaca Santos (2010, p. 15):

A utilização do lúdico na escola é um recurso muito rico para a busca e valorização das relações, onde as atividades lúdicas possibilitam a aquisição de valores já esquecidos, o desenvolvimento cultural, e, com certeza, a assimilação nova conhecimentos, desenvolvendo, assim, a sociabilidade e a criatividade.

É sabido que o brincar e o lúdico nos espaços hospitalares são instrumentos pedagógicos que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem e para Silva (2013, p. 65) é fundamental, pois afirma que “tais práticas promovem, entretenimento, informação, aprendizado e o desejo de continuar a viver, mesmo para aqueles sujeitos que se encontram com uma patologia grave [...]”. A forma como o pedagogo trabalha nesses ambientes é muito relevante e faz toda diferença no aprendizado, ampliando o interesse do aluno-paciente durante esse período de tratamento. Assim, para o autor, as práticas pedagógicas desenvolvidas em hospitais se efetivam a partir de ações que se articulam no ato de brincar e

aprender mediante situações que provocam o desejo, a motivação, o interesse, a autoestima, a atenção, a inteligência, criatividade, dentre outros (SILVA, 2013, p. 64).

Corroborando, Pessoa e Souza (2012, p. 5) apontam que:

O brincar tem um papel de grande relevância para o desenvolvimento infantil, uma vez que auxilia na construção do conhecimento e quando desenvolvido no ambiente hospitalar contribui para trazer de volta a autoestima da criança enferma e, conseqüentemente, ajuda na sua recuperação, já que brincando, ela se expressa naturalmente expondo suas ideias, pensamentos, sentimentos, alegrias, tristezas, conflitos que tem com o mundo exterior, bem como com o seu mundo interior.

O ato de brincar diante do processo de aprendizagem de fato transmite maior segurança para os alunos, gerando um clima de descontração e pode superar os momentos de isolamento social em hospitais na fase mais difícil. Portanto, o pedagogo hospitalar precisa trabalhar com os alunos atividades lúdicas, que devem ser diversificadas, principalmente se o tempo desse paciente-aluno aumentar conforme prescrições médicas diante da gravidade da doença.

De acordo com Wolf (2011, p. 2):

A prática do pedagogo se dará através das variadas atividades lúdicas e recreativas como a arte de contar histórias, brincadeiras, jogos, dramatização, desenhos e pinturas, a continuação dos estudos no hospital. Essas práticas são as estratégias da Pedagogia Hospitalar para ajudar na adaptação, motivação e recuperação do paciente, que por outro lado, também estará ocupando o tempo ocioso.

Essas atividades lúdicas em ambiente hospitalar podem ir além da transmissão e fixação de conteúdos ao aluno, elas podem ser utilizadas na interação entre o ensino e a aprendizagem e na interação entre aluno e professor, Souza e Ramos (2016) destacam que estas atividades lúdicas e recreativas auxiliam na interação social e psicomotoras.

A diversas atividades lúdicas podem ser desenvolvidas nas brinquedotecas, pois são espaços elaborados para dar ênfase às brincadeiras em que as crianças com ou sem adultos podem brincar livremente, a partir dos estímulos de atividades que estão disponíveis, como diversos materiais que permitem a manifestação da criatividade da criança. Nesse contexto, Matos (2009, p. 180-184) destaca que o:

[...] desenho, pintura, colagem, modelagem, teatro de fantoche, atividades artesanais e brincadeiras infantis [...] jogos da memória, dominó, quebra-cabeça, argila, jogos de montar, brincadeiras tradicionais (carrinho, boneca, ...), construção de brinquedos com sucatas, bolinha de sabão, jogo de boliche, bingo, e outras atividades e jogos lúdicos, que poderão envolver diversas habilidades, tais como cognitivas, manipulativas e perceptivas.

Atividades como essas apontadas por Matos (2009) mudam a rotina do paciente-aluno que além de ajudar a fixar conteúdos, contribui para o seu bem-estar no ambiente hospitalar. É notório que a criança tem desenvolvido sua aprendizagem com as brincadeiras, sendo fundamental que essas tenham oportunidades educativas tanto no ensino formal, quanto o não formal, e os hospitais ou outros espaços valorizem as necessidades básicas de aprendizagem, por meio da construção do conhecimento e interação social.

Portanto, os responsáveis do processo de ensino em ambientes hospitalares precisam se reinventar, pois ao longo do tempo, com vãs repetições essas práticas podem se tornar monótonas e prejudicar todo desenvolvimento pedagógico dos alunos-pacientes.

#### **4. As brinquedotecas e sua relevância em espaço hospitalar**

As características das brinquedotecas em hospitais, quanto em qualquer outro espaço pedagógico, têm o *lócus* para a aprendizagem, com destaques para compartilhamento de brinquedos, contação de histórias, dentre outras atividades lúdicas. No que tange às condições de isolamento social de hospitalização, essas vão além dos aspectos educacionais, auxiliam no desenvolvimento da socialização e cidadania desses alunos, possibilitando uma maior inclusão da mesma na instituição.

Segundo Silvério e Rúbio (2012), as brinquedotecas são espaços onde as crianças e adolescentes aprendem a compartilhar brinquedos, histórias, emoções, alegrias e tristezas sobre a condição de hospitalização. Por meio das brincadeiras coletivas, elas desenvolvem aspectos de socialização, desenvolvimento motor e cognitivo. Esses locais também permitem uma aproximação entre pais e filhos e possui várias representações terapêuticas e pedagógicas. Pois, além de garantir o direito da criança brincar, também é um espaço de formação de cidadania. Entretanto, nem todos os hospitais possuem brinquedotecas adequadas e quando são montadas surgem bem timidamente, em muitos casos com limitações de espaços físicos e materiais pedagógicos insuficientes. Esses poucos hospitais que as possuem, têm a incumbência de tornar os espaços mais dinâmico/pedagógico e menos traumático. Desse modo, o período de hospitalização não é desejado pelas crianças por questões de saúde. As brinquedotecas são tão importantes que também auxiliam na diminuição da ansiedade e dos traumas provocados pela hospitalização.

Tendo em vista, espaços como as brinquedotecas são indispensáveis nos hospitais, considerando o disposto na Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, que trata-se sobre a

obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, aprovado pela Portaria nº 2.261, de 23 de novembro de 2005.

A implementação da brinquedoteca deverá ser precedida de um trabalho de divulgação e sensibilização junto à equipe do Hospital e de Voluntários, que deverá estimular e facilitar o acesso das crianças aos brinquedos, dos jogos e aos livros (BRASIL, 2005, p. 1).

Quando as crianças e adolescentes chegam à brinquedoteca hospitalar elas devem ser estimuladas inicialmente pelo ambiente aconchegante e posteriormente pelas atividades propostas. Pois, é um lugar que irá proporcionar momentos de descontração e alegria, ao qual pode alterar sua rotina do tratamento e a remete a bons pensamentos antes da internação. Para Cunha (1994) quando uma criança ou adolescente se aproxima de uma brinquedoteca esses devem ser impactados e iluminados pela magia do local, ou seja, precisam sentir que o lugar é muito especial e que ali eles são acolhidos e respeitados como seres humanos.

Silva (2013 p. 73-74) destaca os objetivos a serem atingidos pela brinquedoteca:

- Preservar a saúde emocional da criança ou do adolescente, proporcionando oportunidade para brincar, jogar e encontrar parceiros;
- Preparar a criança para situações novas que irá enfrentar, levando-a a familiarizar-se com roupas e instrumentos cirúrgicos de brinquedo por meio de situações lúdicas, a tomar conhecimento de detalhes da vida no hospital e do tratamento a que vai ser submetida;
- Dar continuidade à estimulação do desenvolvimento da criança, pois a internação poderá privá-la de oportunidades e experiências de que necessita. Se a hospitalização for longa, pode ser necessário um apoio pedagógico para que a criança não fique muito defasada no seu processo de escolarização;
- Ofertar condições para que a família e os amigos que vão visitar a criança encontrem-se com ela em um ambiente favorável, que não seja deprimente nem vá aumentar a condição de “vítima” em que já se encontra. Um brinquedo ou um jogo pode facilitar o relacionamento, tornando-o mais alegre;
- Preparar da criança para voltar para casa depois de uma internação prolongada e/ou traumática;
- Transformar a Brinquedoteca em um centro de profunda humanização hospitalar, respeitando os direitos nesse momento difícil de suas vidas, dando-lhes a oportunidade de diminuir o sofrimento causado pela doença, elevando a sua autoestima e procurando uma real e autêntica integração com os demais profissionais e setores do hospital.

Para Abreu e Fagundes (2010) a brinquedoteca tem um papel fundamental ao lidar com relações entre educadores, equipe médica e a família do aluno-paciente. É sabido que o trabalho em conjunto, mesmo sendo hospitalizado, a criança e adolescente terão acesso às brincadeiras, às atividades lúdicas e ao espaço diferenciado que foge do ambiente escolar formal-tradicional.

De fato, como podemos observar, as brinquedotecas só contribuem no processo de tratamento de crianças e adolescente em idade escolar, que foram reclusos pelos mais diversos motivos. É necessário que os especialistas em pedagogia hospitalar se reinventem diante das realidades cotidianas dos alunos-pacientes.

Por fim, quando uma criança ou adolescentes são hospitalizados é necessário que além dos cuidados médicos haja um espaço pedagógico, para que eles não deixem de ser criança e que os pais, equipe médica e pedagogos possam dar o apoio necessário a esses alunos.

## **5. Considerações finais**

No decorrer da pesquisa, identificou-se os principais desafios enfrentados pelos profissionais da educação que atuam em ambientes hospitalares, ou seja, em espaços não-formais de ensino, que até então, pouco conhecido pela sociedade em geral.

Assim, um dos principais desafios enfrentados pelos profissionais da educação está relacionado a sua formação, com uma grande carência na formação inicial e posteriormente na formação continuada, onde teoria e prática devem caminhar juntas para que assim possam reduzir as lacunas encontradas. Tendo em vista que na formação inicial os conteúdos sobre a educação não formal, são vistos superficialmente ao longo da graduação.

Outro desafio encontrado pelo Pedagogo Hospitalar é o vínculo, que vai muito além de professor e aluno, esse deve abranger a família, no auxílio para levantar a autoestima do paciente-aluno, motivando-o e mostrando-lhe que o ato de aprender e ensinar, vai além dos muros da escola, por conta da hospitalização e que as equipes de educadores estão ali para auxiliar.

Nesse estudo constata-se a relevância da classe hospitalar, do pedagogo e de sua prática docente nesses ambientes, que vai além de ser meramente um transmissor de conteúdo, tornando-se o principal elo entre as áreas do conhecimento, saúde e educação.

Portanto, o texto destaca o quanto é necessária uma prática de uma forma mais lúdica na Pedagogia Hospitalar, pois ela faz toda a diferença durante o processo de internação da criança e adolescente. O qual, tem sua rotina e convívio social alterados. Por fim, essa modalidade de ensino em espaços não formais, como hospitais, além de promoverem o conhecimento e entretenimento, geram no aluno o desejo de continuar a viver e aprender. Em alguns casos, infelizmente, já desenganados pelos médicos.

## Referências

ABREU, Simone Aparecida Kraus de; FAGUNDES, Elizabeth Macedo. Brinquedoteca hospitalar: sua influência na recuperação da criança hospitalizada. **Voos Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**, v. 2, n. 1, 2010. Disponível em: [http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/73/03\\_Vol2\\_VOOS2010\\_CH](http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/73/03_Vol2_VOOS2010_CH) Acesso em; 20 de setembro 2020.

BRASIL. Declaração dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. Resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995. Brasília: **Imprensa Oficial**, 1995.

BRASIL, Resolução CNE/CP 1/2006. **Diário oficial da União**, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p.11. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 18 de setembro 2020.

DO PRADO WOLF, Rosângela Abreu. Pedagogia hospitalar: a prática do pedagogo em instituição não-escolar. **Revista Conexão UEPG**, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em; <https://www.redalyc.org/pdf/5141/514151721014.pdf> Acesso em: 20 de setembro 2020.

FONSECA, Eneida Simões. **Atendimento Escolar no Ambiente Hospitalar**. São Paulo: Memnon, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para Quê?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LUIGI, R.; SENHORAS, E. M. “O novo coronavírus e a importância das Organizações Internacionais”. **Nexo Jornal** [17/03/2020]. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br> Acesso em: 21 de setembro 2020.

MARANHÃO, R. A.; SENHORAS, E. M. “Pacote econômico governamental e o papel do BNDES na guerra contra o novo coronavírus”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 4, 2020. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/boca/article/view/MaranhaoSenhoras/2850> Acesso em: 22 de setembro 2020.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira et al. **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PESSOA, Ana Cláudia Bandeira; SOUZA, MHF; FONTES, FCO. O lúdico no ambiente hospitalar: algumas reflexões. **Realize**, Campina Grande: 2012. Disponível em; <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/d757719ed7c2b66dd17dcee2a3cb29f4.pdf> Acesso em: 13 de outubro 2020.

SANTOS, Simone Cardoso dos. **A importância do lúdico no processo de ensino aprendizagem**. 2010. Disponível em: Monografia, Universidade Federal de Santa Maria. Programa de Pós-Graduação a Distância. [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/393/Santos\\_Simone\\_Cardoso\\_dos.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/393/Santos_Simone_Cardoso_dos.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y) Acesso em: 10 outubro 2020.

SILVA, Neiton da. **Pedagogia Hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado**. Cruz das Almas/BA: Editora UFRB, 2013. 192 p

SILVA, Roberta da. "Pedagogia hospitalar: a atuação do pedagogo em espaços não-formais de educação." **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2014. Disponível em; <http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/handle/123456789/479> Acesso em: 10 de outubro 2020.

SILVÉRIO, Claudia Aparecida; RUBIO, J. DE AS Brinquedoteca Hospitalar: O Papel do Pedagogo no Desenvolvimento Clínico e Pedagógico de Crianças Hospitalizadas. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2012. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Claudia.pdf> Acesso em: 10 de outubro 2020.

SOUSA, Alanne Cruz; TELES, Damares Araujo; SOARES, Maria Perpétua do Socorro Beserra. Pedagogia Hospitalar: a relevância da atuação do pedagogo. **Revista Educação e Emancipação**, n. 1, p. 241-259, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/7725/4724> Acesso em: 10 de outubro 2020.

SOUSA, Eleotilce; RAMOS, Eliane Aparecida: Brinquedoteca Hospitalar: atividades lúdicas no processo de recuperação com crianças e adolescentes hospitalizados. **Educação e Pedagogia: Pedagogia hospitalar**, p. 18-27. 2016. Disponível em: <https://faculdadebagozzi.edu.br/wp-content/uploads/2017/07/Pedagogia-Hospitalar-E-book.pdf> Acesso em: 10 de outubro 2020.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 6. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1999.